A obra do artista é o jardim da sua alma

por João Balthazar

A obra actual de Rodrigo Dias é «O Bosque» da sua alma.

A Galeria do INDEG/ISCTE, a gest'ARTE, teve a oportunidade de proporcionar aos seus visitantes uma exposição de carácter inédito, que apresentou como tema «O Bosque».

Tradicionalmente, as obras expostas numa mostra apresentam suportes como a tela, o papel ou até mesmo o cartão e a madeira. Na prática das suas 'impressões', o artista escolhe tintas ou grafite para abrilhantar o seu estado de alma.

Apesar de, nos países onde a arte se manifesta vigorosamente, estarem despertos para manifestações artísticas de carácter invulgar, catalogadas de arte contemporânea, achamos que as obras apresentadas nesta exposição teriam lugar em qualquer um desses espaços representativos de obras ditas contemporâneas.

A exposição

O suporte utilizado pelo artista Rodrigo Dias para desenvolver as suas obras – PVC e PPA – e o material a sobrepor – vinil –, provocaram, desde logo, uma admiração no observador, inquietante para a entender e perceber como as deveria catalogar.

Em tantos capítulos da história do estudo da arte, foi atribuída a designação 'pós' para os identificar. As obras de Rodrigo Dias contêm uma técnica e um modo de produção especial, inédito, que, aquando da sua catalogação de corrente artística, terá de lhe ser atribuído o prefixo 'pré'. Brevemente, conseguiremos completar a designação/identificação deste capítulo representativo de uma manifestação artística.

Do autor, podemos retirar a essência expressa no seu texto abaixo.

Coordenação
João Balthazar
Arquitecto e Coordenador das Galerias de Arte Vincent e gest'Arte, Lisboa, Portugal.
E-mail: j.balthazar@clix.pt

«O Bosque»

por Rodrigo Dias

Por cima das montanhas passam as nuvens.

A tinta inerte dentro dos recipientes repousa da grande viagem, morre na espera, no sentir de um sangue novo. A cada passo ouve-se o estalar dos ramos velhos, presos na penumbra dos pés, nas mãos o orvalho enfiado no que não existe. A luz ainda não começou a chegar, e os olhos ainda estão por detrás do mundo, do corpo. Na copa das árvores o ar que a noite queimou sabe a maresia e esconde as sombras do inconsciente, dormentes. Da janela da clareira transparece o dia à espera de entrar no destino das cores, de um caminho novo, predestinado a envelhecer.

Por onde se acende a tela, trabalharam os dedos, fortes nos seus afluentes, dementes de raiva depois dos rios, impregnados, repletos de paixão onde irá instalar-se o mar. No trilho onde tudo se torna animal, mais perto das mucosas olfactivas do grito, do querer dizer, o equilíbrio é repartido por toda a superfície, sabendo-se de antemão que o milagre da própria matemática estica o tempo, tornando-o circular, e de dentro surge o que as estrelas sedimentaram na seiva que a água percorre. A luz estica os braços e aperta forte contra o peito os contornos das cores, corta e divide-as na ocupação do espaço, esconde-lhe o nome das coisas, da vida. Cada tronco, cada indivíduo, transporta na pele o código genético, os olhos fechados dentro dos olhos, o vazio que nos preenche.



Rodrigo Dias
Exposição de Pintura «O Bosque» no INDEG/ISCTE, Lisboa, Outubro/Novembro 2004

Não tenho medo de percorrer o bosque, sei que o caminho não tem retorno, mas a viagem não é longa, o final é depois do começo, apenas podemos prolongar a morte e morrer tantas vezes quantas forem necessárias.